

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – COGEAE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SEMIÓTICA PSICANALÍTICA –
CLÍNICA DA CULTURA

ALEXANDRE PILL

DESEJO SITIADO

Articulações entre homossexualidade e psicanálise a partir da análise
do filme *Taekwondo*, de Marco Berger

São Paulo - SP

2018

ALEXANDRE PILL

DESEJO SITIADO

Articulações entre homossexualidade e psicanálise a partir da análise
do filme *Taekwondo*, de Marco Berger

Monografia de Conclusão de Curso apresentado na Pontifícia Universidade
Católica De São Paulo – COGEAE, como requisito básico para a conclusão
do Curso de Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica Da Cultura.

Orientador: Oscar Angel Cesarotto

São Paulo – SP

2018

*A meus pais,
que de barro e cuspe fizeram muito do que sou hoje.*

*Ao Bruno,
que amplia minha existência a cada dia em doce e fecunda parceria.*

AGRADECIMENTOS

A meu orientador Oscar Angel Cesarotto, que faz prosa em forma de poesia e aceitou com carinho e interesse tema tão pessoal.

Aos amigos e colegas de curso que compartilharam chistes, atos falhos, lapsos e sonhos.

Aos professores do curso, em especial a Clóvis Pereira, Claudio Montoto e Luis Esteban Dominguez, pelo companheirismo, ética e teorias da conspiração.

“Mas retribuo a piscadela

Do garoto de frete

Do Trianon

Eu sei o que é bom...”

(Caetano Veloso)

RESUMO

Pesquisa qualitativa que buscou articular o discurso dominante de patologização da homossexualidade com o mecanismo de desejo sitiado, em que o sujeito não vivencia, seja para si ou para os outros, seu desejo.

Para tal, foram descritos conceitos da teoria freudiana sobre a homossexualidade e outras contribuições de produções científicas (psicanalíticas ou não) e de discursos políticos.

Realizou-se também uma análise do mecanismo do desejo sitiado e de outros jogos subversivos propostos pelo diretor no filme *Taekwondo*, evidenciando determinadas características culturais do ser homossexual.

Palavras-chave: homossexualidade; psicanálise, cinema; *Taekwondo*; desejo sitiado.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. HOMOSSEXUALIDADE.....	10
3. PSICANÁLISE E HOMOSSEXUALIDADE	14
3.1 Do homossexualismo... ..	15
3.2 ...Às homossexualidades	18
4. CINEMA E PSICANÁLISE	19
4.1 Tae = pés, kwon = mãos, do = caminho	19
4.2 Alice através do buraco da fechadura.....	20
4.3 Subversões em série	25
5. DESEJO SITIADO	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

Foto 1 - Começando pelo fim



Fonte: BERGER (2016)

1. INTRODUÇÃO

“O amor que não ousa dizer seu nome”, verso de lorde Alfred Douglas, resume bem um aspecto do homoerotismo: o represado, o não dito. Dizê-lo não seria da ordem do capricho, mas da ordem da ousadia, acinte esse que pode ser pago com a própria vida, liberdade, emprego, amizades ou qualquer outro ônus que evidencie o cerco que se faz a este objeto de escolha amorosa.

As forças que cercam o castelo do desejo homoerótico são numerosas e ocupam lugares consensuais na cultura, como a moral, as religiões e as próprias ciências (com as quais a psicanálise e os psicanalistas fizeram e fazem coro).

Em oposição à luz reveladora da “verdade” destes discursos, soma-se o próprio lusco-fusco do desejo, sitiando o desejo homoerótico a um estado de imobilidade que produza uma sensação de segurança.

O primeiro capítulo descreve a criação do termo homossexual e como ele foi e é usado por discursos científicos, políticos, religiosos para condenar a homossexualidade (à marginalidade, à morte, à patologização).

Em seguida, procura-se estruturar conceitos da teoria freudiana sobre a homossexualidade e como parte da produção e prática psicanalítica sobre o tema desviou-se do desenvolvimento freudiano, ainda que, recentemente, diversos autores tenham contribuído para a despatologização do mesmo.

O capítulo seguinte decupa as operações subversivas operadas em Taekwondo, revelando o jogo proposto pelo diretor ao espectador.

Por fim, desenvolve-se a questão do desejo homossexual sitiado, articulada com o filme, evidenciando certas características culturais do ser homossexual.

2. HOMOSSEXUALIDADE

O termo homossexual foi cunhado em 1869 pelo escritor e poeta húngaro Karl-Maria Kertbeny, ativista dos direitos humanos. No século XIX, a sexologia, então ciência nova, cuidava de classificar e catalogar comportamentos e tipos sexuais, contribuindo “para produção da homossexualidade. O que significou, em grande parte, produzi-la enquanto patológica”. (VIEIRA, 2009, p. 489).

A marginalização e discriminação contra homossexuais sempre se ancorou nos discursos dominantes, sejam eles científicos, religiosos, morais ou políticos. No artigo *Reflexões sobre a interinfluência entre ciência e política: o caso da homossexualidade*, Menezes (2015, p. 623) afirma que “o contexto sócio-político que vigorou praticamente em todo o século XX foi permeado por concepções de que o comportamento homossexual seria o sintoma de uma doença”, traduzidas tacitamente como ameaça à preservação da espécie, estabilidade familiar, moral e bons costumes.

Conseqüentemente, muitas pesquisas e estudos apresentavam métodos enviesados, apoiados na força e consenso do discurso dominante.

As diferenças no tratamento dos grupos de participantes talvez sejam o aspecto metodológico no qual a visão do indivíduo homossexual mais influencie. Van Wyk e Geist (1984) exigem a presença de orgasmo em uma relação entre dois homens para classificá-la como homossexual - apesar de não explicarem como seria classificada a mesma relação na ausência de orgasmo - enquanto a mesma exigência não é feita para classificar uma relação heterossexual. Por sua vez, Swaab e Hofman (1990) procuraram isolar a variável "ser soropositivo" trabalhando com dois grupos soropositivos: um homossexual e outro heterossexual. Contudo, ao descreverem as amostras, há uma preocupação dos autores em explicitar de que forma os heterossexuais foram contaminados. A ausência desta mesma preocupação com a amostra homossexual mostra a visão de que um homossexual soropositivo necessariamente haveria se contaminado em relações sexuais, enquanto um heterossexual soropositivo não. Na revisão de pesquisas hormonais feita por Meyer-Bahlburg (1977), observa-se também esse viés no tratamento de grupos. Em 57% das pesquisas a seleção de participantes do grupo homossexual ocorreu em hospitais (psiquiátricos ou não) e presídios, enquanto que a amostragem de heterossexuais era, predominantemente, de universitários (ibidem, p. 626)

A autora ainda aponta que as concepções prévias dos pesquisadores não enviam apenas a metodologia, mas também a análise dos resultados ou a forma como são divulgados.

Por exemplo, Whitam, Diamond e Martin (1993) observaram a maior incidência de relatos de abusos sexuais na infância de homossexuais como evidência de que a orientação sexual já estaria determinada, de modo a propiciar a exposição destas crianças a contextos de vulnerabilidade sexual.

O mesmo dado, contudo, poderia ser analisado como evidência ambiental sobre o papel do abuso sexual sobre a orientação sexual indefinida de crianças - isto é, pode-se considerar a possibilidade de que o abuso sexual possa afetar o processo de desenvolvimento da orientação sexual da criança. [...]

Um exemplo claro dos problemas de divulgação dos resultados pode ser observado em Savic et al. (2005). Além do objetivo da pesquisa não ter sido identificar determinantes da orientação sexual e sim discutir a existência ou não de feromônios na espécie humana, os autores ressaltam que seus dados não são indicativos destes determinantes, mas sim de que a orientação sexual estaria relacionada ao funcionamento de estruturas cerebrais - relação esta que os autores afirmam poder ser consequência da prática sexual. Contudo, quando publicada na revista "Veja", Zakabi (2005) apresenta a pesquisa como mais uma evidência da origem biológica da homossexualidade e a relaciona a outras pesquisas de grande repercussão, como a de LeVay (1991), sem apresentar nenhuma das considerações críticas a tais pesquisas, reiteradamente publicadas no meio científico. (ibidem, p. 627)

Em um estudo endocrinológico realizado em uma amostra de 143 indivíduos homossexuais, Ribeiro (2010, p. 506)

conclui que, em quase dois terços dos casos por nós estudados, havia pelo menos um sinal de desvio da normalidade somática, sendo que em 60% ficou apurada a hipotensão arterial nítida, havendo em mais de 50% uma distribuição anormal dos pelos do púbis. Tais fatos revelam indiscutivelmente distúrbios acentuados da fórmula endocrínica.

O autor resolve a questão de forma definitiva, tendo

Provado que o homossexualismo é, em grande número de casos, uma consequência de perturbações do funcionamento das glândulas de secreção interna, logo surgiu a possibilidade do seu tratamento. Era mais um problema social a ser resolvido pela medicina. (ibidem, p. 507)

Artigos científicos como o de Robert L. Kinney, III (2015) corroboram com as ideias propagadas pelo site ultraconservador Metapedia, de que a *American Psychological Association* (APA) desqualificou a homossexualidade como doença por pressão de ativistas gays, embora o último acrescenta que o ativismo gay tem uma “influência decisiva sobre a opinião pública, a realização da maioria dos seus objetivos, como a redefinição do conceito legal de casamento, a adoção legal de crianças e a legalização da **pedofilia**” (METAPEDIA, 2018, grifo do autor).

Em entrevista à revista Playboy, realizada em 2011, Jair Bolsonaro afirmou que “seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui:

prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (REUTERS, 2018).

Tal apreço por indivíduos homossexuais não é exclusivo da (extrema) direita:

O Movimento Internacional Comunista, que emergiu depois da Revolução Russa de 1917: quando os bolcheviques tomaram o poder, em outubro de 1917, aboliram todas as leis czaristas, e o primeiro Código Penal Soviético, decretado em 1922, não penalizava sexo entre homens adultos, desde que consentido. No entanto, homens, e às vezes mulheres, foram acusados sob alegação de atividade homossexual. Entre as consequências da ascensão de Stálin ao poder no final de 1924, estava o Estatuto de 1934 que criminalizava os envolvimento sexuais consentidos entre homens adultos, com a punição de três a quatro anos de encarceramento. As mulheres não foram mencionadas no novo Estatuto. A homossexualidade passou a ser associada com a classe alta e a decadência burguesa, e essa ideologia permeava o movimento comunista internacional. (Pinheiro, 2010, p. 9, 10)

Durante a Revolução Cubana, foram criadas as Unidades Militares de Ajuda à Produção (UMAP), verdadeiros campos de trabalhos forçados, para onde eram enviados aqueles que com comportamento “antissocial”: artistas, religiosos, intelectuais e muitos homossexuais (assumidos ou não), havendo para estes últimos um campo específico:

José Mario, um homossexual enviado à UMAP, recorda que na entrada de seu campo havia uma placa com os dizeres “El trabajo los hará hombres”, mote que parece adequar o lema de Auschwitz – “o trabalho vos libertará” – à tese do homem novo, mas que também significava, para os homossexuais, uma clara proposta de readequação de sua orientação sexual (Martínez, 2002b). Alguns ex-internos, como Jorge Ronet, Héctor Santiago e Heberto Padilla, chegam a mencionar a realização de experimentos pavlovianos em algumas unidades, por meio dos quais homossexuais recebiam choques elétricos ou de insulina quando expostos a fotos de homens nus e comida quando expostos a filmes de sexo heterossexual. (ibidem, p. 9, 10)

Estes exemplos foram levantados como um esboço que tente demonstrar o consenso prevalente no século XX (e ainda no século corrente) de que a homossexualidade era e é um desvio, doença ou degeneração a ser erradicada ou curada/reformada.

A aprovação do casamento gay, os novos arranjos identitários e as proclamações diversas de gênero vêm acalentando discussões e pesquisas sobre a homossexualidade, ainda que, incorporando o *zeitgeist*, tais exercícios mais se assemelham a uma Babel *on acid*.

São inegáveis os avanços sociais e civis das questões homossexuais: a possibilidade de se casar (e todos os direitos a isso associados), de adotar filhos e uma aceitação maior por parte da sociedade encabeçam a marcha, mas a própria onda conservadora que assola atualmente o mundo revela que o verniz de aceitação esconde um núcleo ainda violento.

No documentário *Temporada de Caça* (1988), de Rita Moreira, realizado à época em que o diretor de teatro Luís Antônio Martinez Corrêa havia sido brutalmente assassinado (amarrado, golpeado, estrangulado e mutilado por 107 facadas), é assustador testemunhar a tranquilidade com que algumas pessoas na rua respondem à repórter sobre as opiniões deles sobre a matança de homossexuais:

- *Eu acho que tem mais é que assassinar, mesmo.*

- *Tem que matar.*

- *Acho que tá certo (a violência contra eles). O homem nasceu pra ser homem...aí ficar virando...aí não dá, não.*

- *Tenho muita coisa contra eles. Acho que eles estão poluindo a cidade de São Paulo.*

- *Acho que eles não poderiam existir.*

Mais assustador ainda é saber que, passados trinta anos, persistem opiniões neste sentido em quantidade alarmante. Dois dados aparentemente contraditórios reforçam essa ideia do retorno do recalcado:

- Segundo pesquisa realizada em 2016 pela organização *Transgender Europe*, o Brasil lidera o ranking de assassinatos de travestis e transexuais em números absolutos, com 845 mortes (sendo que o segundo lugar, México, registrou 247 assassinatos);
- O site de vídeos pornô *Redtube* divulgou em 2016 informações sobre os acessos ao site, revelando que os brasileiros assistem 89% mais vídeos de travestis que o resto do mundo.

Essa ambivalência trágica não é gratuita, nem recente e tem raízes profundas na cultura.

3. PSICANÁLISE E HOMOSSEXUALIDADE

A própria psicanálise trata e tratou a questão de forma bem controversa. O psicanalista Jurandir Freire Costa compilou, em seu livro *A Face e o Verso* (2005), cinco sistematizações da homossexualidade na obra freudiana.

Freud inicialmente associou a homossexualidade “ao campo das perversões sexuais e, mais tarde, ao da perversão em geral, como elemento de uma estrutura ternária que engloba a psicose e a neurose” (ROUDINESCO, 1988, p. 350), entendida como o avesso da neurose, já que o que o neurótico fantasia, o perverso faz. Ocorre pela fixação de um objeto numa fase precoce do desenvolvimento sexual, um desvio em relação ao objeto.

A segunda sistematização realizada por Costa (2005) é a de objeto homossexual como uma das possibilidades da bissexualidade psíquica, uma vez que as fantasias sexuais tem uma característica masculina e outra feminina. O autor se aprofunda na escolha homossexual como uma forma de lidar com a angústia de castração, buscando, então, uma mulher com pênis.

Freud (1908, p. 170) passa a separar homossexualidade e perversão no texto *Moral sexual civilizada doença nervosa moderna*:

Em primeiro lugar [...] estão diversas variedades de pervertidos, nos quais uma fixação infantil a um objetivo sexual preliminar impediu o estabelecimento da primazia da função reprodutora, e os homossexuais ou invertidos, nos quais, de maneira ainda não compreendida, o objetivo sexual foi defletido do sexo oposto. Se os efeitos nocivos desses dois gêneros de distúrbios do desenvolvimento são menores do que seria de esperar, tal se deve justamente à complexa constituição do instinto sexual, que possibilita à vida sexual do indivíduo atingir uma forma final útil, mesmo que um ou mais componentes do instinto tenham sido alijados do seu desenvolvimento. A constituição das pessoas que sofrem de inversão - os homossexuais - distingue-se amiúde pela especial aptidão do seu instinto sexual para a sublimação cultural. As formas mais acentuadas de perversão e de homossexualidade, especialmente quando exclusivas, sem dúvida tornam o indivíduo socialmente inútil e infeliz, sendo necessário reconhecer que as exigências culturais do segundo estágio constituem uma fonte de sofrimentos para uma certa parcela da humanidade.

A terceira diz respeito à questão da passividade, ligando-a a feminilidade, masoquismo e sintoma neurótico, na relação de ambivalência para com o pai, desenvolvida em *História de uma neurose infantil* (FREUD, 1919).

Freud então desassocia feminilidade e passividade da homossexualidade em *Psicologia de grupo e análise do eu* (1921) e *O Ego e o id* (1923), desenvolvendo-a

então como uma inibição da agressividade através da identificação com o ideal de eu ou por não poder ser escoada.

Na última sistematização, realizada em *Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*, Freud (1920, p. 240) vincula a homossexualidade ao masoquismo, relatando semelhanças e diferenças da fantasia de espancamento de um menino e de uma menina:

Na menina, a situação originalmente masoquista (passiva) é transformada, por meio da repressão, numa situação sádica, cujo caráter sexual é obscurecido; no menino, ela continua masoquista e conserva, devido à diferença de sexo entre a pessoa que bate e a que apanha, maior semelhança com a fantasia original de sentido genital. Por meio da repressão e remodelação da fantasia inconsciente, o menino evita a sua homossexualidade; a coisa notável, em sua posterior fantasia consciente, é que tem por conteúdo uma atitude feminina sem escolha homossexual de objeto. Já a menina, pelo mesmo processo, escapa às exigências da vida amorosa em geral, fantasia ser um homem, sem tornar-se masculinamente ativa, e apenas presencia como espectadora o ato que substitui um ato sexual.

Embora o pai da psicanálise tenha escrito, ao analisar *O caso Dora* (1905, p. 228, grifo do autor), que “não devemos esquecer que **a perversão mais repugnante para nós, o amor sensual de um homem por outro**, era não apenas tolerada por um povo culturalmente superior a nós, os gregos, como também dotada de importantes funções sociais”, o mesmo, em 1935, em carta a uma mãe americana que pedia orientação para seu filho homossexual, afirma:

A homossexualidade não é, certamente nenhuma vantagem, mas não é nada de que tenha que envergonhar; não é um vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual (Jones, 1979, p. 779)

3.1 Do homossexualismo...

Segundo Roudinesco (1998, p. 353), os discípulos de Freud não seguiram as diretrizes deixadas por ele a este respeito, e “frente à homossexualidade, mostraram-se de extrema tolerância a ponto de ela haver se tornado uma espécie de ‘continente negro’ da história do movimento psicanalítico.

Travou-se então uma disputa entre as sociedades psicanalíticas berlinense e vienense sobre a questão, vencendo o entendimento de Ernest Jones que

homossexuais não poderiam ser analistas, já que a análise não os curava de sua inversão.

Ao longo do tempo e durante mais de 50 anos, sob a crescente influência das sociedades psicanalíticas norte-americanas, submetidas por sua vez às teses da APA, a IPA reforçou seu arsenal repressivo. Depois de se afastar das posições freudianas para ditar as normas sobre o acesso dos homossexuais à análise didática*, ela não hesitou, sempre num sentido contrário à clínica freudiana, em qualificar os homossexuais de pervertidos sexuais e em julgá-los ora inaptos para o tratamento psicanalítico, ora curáveis desde que a análise tivesse por objetivo orientá-los para a heterossexualidade. Para não ser acusada de discriminação, a direção da IPA não editou nenhuma regra escrita sobre esse assunto, mas suas sociedades evitaram, no mundo inteiro, integrar em suas fileiras candidatos que fossem oficialmente homossexuais. (ibidem, p. 353)

Desde então, colecionam-se opiniões e valores misturados a conceitos teóricos, como o de Edmund Bergler (1956, p. 26, 27, apud DRESCHER, 2013, p. 47), publicado em seu livro *Homosexuality: disease or way of life*:

Eu não tenho preconceito em relação aos homossexuais; para mim, são pessoas doentes que precisam de ajuda médica [...] ainda assim, embora eu não tenha preconceito, eu diria: homossexuais são, essencialmente, pessoas desagradáveis, independentemente de sua agradável ou desagradável aparência externa [...] [sua] aparência externa é uma mistura de arrogância, falsa agressividade e lamúria, Como todo masoquista psíquico, eles são subservientes quando confrontados com uma pessoa mais forte, impiedosos quando no poder e inescrupulosos ao espezinhar alguém mais fraco.

No artigo *A História da homossexualidade e a psicanálise organizada*, Drescher (2013) relata que neofreudianos como Sandor Rado, Irving Bieber, Lionel Ovesey e Charles Socarides desenvolveram diversas teorias patologizantes acerca da homossexualidade, tendo se empenhado durante décadas em terapias de conversão.

A respeito de Lacan, Cruxên (2012, p. 76) afirma:

Atemo-nos aqui, às contribuições de Lacan ao tema, principalmente, àquelas contidas no Seminário, livro V, sobre as formações do inconsciente. (Lacan, 1992) Vale lembrar que, ao contrário de Freud (1910/ 2006a), o discurso dos psicanalistas tem sido preconceituoso ao longo de décadas. Temos que levar em conta que, em sua maioria, o psicanalista atual tem sua formação universitária nos cursos de graduação em Medicina – com especialidade em Psiquiatria - e no curso de Psicologia, que em nosso entendimento são originalmente lugares de manutenção da norma e do controle social que se associam ao poder dominante. Se as considerações de Lacan são, por vezes, preconceituosas no Seminário, livro VIII, quando situa o homossexualismo enquanto uma perversão e compara o Banquete a uma assembleia de “tias velhas” no Seminário, livro V, ele se mostra mais versátil e rigoroso. Não podemos esquecer, como sublinha Coutinho Jorge, que a postura preconceituosa dos psicanalistas é a única coisa em comum entre lacanianos e ipeístas. (Jorge, 2010). “Moebianamente” (neologismo do autor), Lacan

permitiu a formação aos homossexuais e considerou que eles são perfeitamente analisáveis.

Ceccareli (2013, p. 159) relembra que

A psicanálise, que, em um primeiro momento, foi libertadora, ao denunciar a existência de uma outra cena – o inconsciente – que determina nossas escolhas objetais, tornou-se, em um segundo momento, contaminada pelos mesmos princípios que denunciara. Passou, então, a ser utilizada como referência de normalidade, guardiã de uma ordem suposta imutável, que idealiza uma forma única de subjetivação baseada nas normas vigentes: isso deu à psicanálise o poder (perverso) de deliberar sobre o normal e o patológico.

No artigo *O que os analistas pensam sobre a homossexualidade?*, Maia (2007, p. 86) faz um levantamento sobre a produção de psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro a esse respeito, norteando-se por algumas questões, como “qual é o estatuto teórico da noção de homossexualidade? O saber psicanalítico é atravessado por outro tipo de discurso, e que consequências isso acarreta?” Também considera se o aspecto ideológico na produção teórica e na transmissão sobre a noção de homossexualidade é considerado. Vai mais fundo, ao indagar se “na clínica, o analista se orienta pela ética do desejo ou pela moral? A discussão sobre os desdobramentos sociais da homossexualidade repercute na produção dos analistas e/ou vice-versa?” (ibidem, p. 86)

A análise da autora resulta em cinco noções diferentes da homossexualidade:

- 1) a homossexualidade como um “comportamento perverso” (Cavallari, 1996), uma “perversão”, um “desvio” (Zusman, 1997, 1998);
- 2) a homossexualidade como um “problema na identidade de gênero ou na identificação” (Almeida e Lerner, 1999; Zusman, 1997, 1998);
- 3) a homossexualidade como uma “defesa contra a ansiedade paranóide e a paranóia” (Silva, 1994; Bastos 1979);
- 4) a homossexualidade e a sua inserção no campo social como uma “defesa contra a angústia” (Bastos 1979; Zusman, 1997), como uma “institucionalização do desvio evolutivo da libido” (Zusman, 1997) e como uma “extinção da família” (Zusman, 1998);
- 5) a homossexualidade como um “acting out” (Souza, 1967). (p. 87)

Ela então articula os discursos desses analistas com o que Freud e Lacan escreveram sobre o tema, concluindo que em alguns deles, “o analista, ao invés de ocupar na transferência o lugar do Sujeito Suposto Saber, [...], incorre na impostura

da identificação com esse lugar, isto é, acredita saber sobre a sexualidade do sujeito em análise” (ibidem, p. 98). Em outros, desvela uma interpretação equivocada do texto freudiano, sendo que, na maior parte dos trabalhos pesquisados por ela, “a prática homossexual visa ocultar o ódio, a tristeza ou a psicose, desviando o acesso à heterossexualidade, tomada como meta amorosa e sexual, segundo uma visão kleiniana.” (ibidem, p. 99)

3.2 ...Às homossexualidades

Vale ressaltar que há muitas vozes dentre os psicanalistas a produzir em sentido contrário, expandindo a leitura da psicanálise sobre a homossexualidade.

Ao abordar a ética psicanalítica, Marques (2013) retoma Lacan, afirmando que a Psicanálise não se presta à adaptação, assim como não prescreve valores de conduta, subvertendo as normas morais quando aponta para a emergência do desejo, irreduzível e específica de cada um.

Sobre a questão da relação da perversão com a homossexualidade, Quinet (2013, p. 95) afirma que esta prática “pode se dar em todas as estruturas, [...] que ocorre em neuróticos que apresentam seus sintomas; em perversos com seus fetiches e preferências sexuais; em psicóticos cujos delírios e observações sejam ou não de conteúdo homossexual”.

Ainda nesta questão, Roudinesco (2013, p. 113) sustenta que “assim como Lacan ‘psicotiza’ a clínica das neuroses, do mesmo modo, tende a ver perversão em todas as manifestações de amor. É nesse contexto que ele faz da homossexualidade, *enquanto tal*, uma perversão e não uma orientação sexual”. E faz coro a Quinet, ao considerar que “a homossexualidade neurotizada de hoje não é, enquanto tal, uma perversão nem uma perversão sexual, nem no sentido literal”. (ibidem, p. 117).

Por fim, McDougall (1999, p. 18), ao referir-se à perversão em *Teoria Sexual e Psicanálise*, lembra que “o conceito de ‘desvio’ inevitavelmente implica uma ‘norma’ – a noção de um impulso com qualidades pré-formadas e meios de expressão que, claramente, não existem nos seres humanos.”

4. CINEMA E PSICANÁLISE

Paridas à mesma época, na virada do século XX, o cinema moderno e a psicanálise guardam aproximações, analogias e semelhanças: são vivenciados em sessões (em se tratando da clínica), possuem “narrativas que são ‘como filmes’, por exemplo, filmes que fazem a memória da infância, filmes censurados, [...] filmes que não param de se repetir em nossas vidas” (DUNKER, 2015, p 15). Tanto um com outro procuram aliviar sofrimento, conferir um pouco de satisfação à vida e instigar uma reflexão sobre si mesmo e sobre a condição humana.

Questões de montagem, enquadramento, escolhas de planos e sequências não são processos triviais, mecânicos ou óbvios na produção de uma película, uma vez que “a sucessão de imagens criada pela montagem produz relações novas a todo instante e somos sempre levados a estabelecer ligações próprias não existentes na tela. A montagem sugere, nós deduzimos”. (XAVIER, 2003, p. 33)

Assemelham-se, desta forma, às operações de metáfora e metonímia do inconsciente, ou seja, “partilham a decomposição regrada dos processos de produção da significação”. (DUNKER, 2015, p. 17, 18).

Muito mais do que interpretar narrativa, imagens ou aplicar conceitos psicanalíticos à obra em questão, o presente trabalho busca operar, em via de mão dupla, a partir do eixo da homossexualidade, articulações do filme em direção à psicanálise (enquanto teoria e instituição) e vice-versa.

4.1 Tae = pés, kwon = mãos, do = caminho

O filme *Taekwondo* (2016) é o quinto longa-metragem do diretor portenho Marco Berger, que explora facetas e questões da homossexualidade masculina em suas obras.

Evidenciam-se as semelhanças das histórias de amor de todos os seus filmes, variações de *boy meets boy* em diferentes situações e condições.

Em *Taekwondo*, Fernando convida seu amigo Germán, com quem treina a arte marcial que dá nome ao filme, para passar as férias na casa de veraneio de sua família, onde já estão outros amigos seus. Em meio a esse ambiente carregado de testosterona e heterossexualidade dominante, desenha-se o encontro amoroso dos

protagonistas. Uma história banal, com roteiro simples é potencializada por uma série de subversões construídas pelo diretor, que também assina o roteiro.

Com pouquíssimas interferências externas, os amigos jogam, nadam, pregam peças uns nos outros, bebem, drogam-se e falam de si mesmos, de namoradas e amantes em diálogos tão banais que escoam a experiência de assistir o filme para outras coisas que não sejam o roteiro.

Foto 2 - Corpos juntos



Fonte: BERGER (2006)

4.2 Alice através do buraco da fechadura

Em entrevista (PAPO DE CINEMA, 2017), Berger relata que se inspirou no universo de atletas ou jogadores de futebol para compor o palco desta história de amor. Os nove atores foram cuidadosamente selecionados: jovens, brancos, magros, sarados ou malhados, com fisionomias que são articuladas com diferentes nacionalidades (apontadas em cena como inglesa, alemã, sueca, italiana, árabe, espanhola, argentina, francesa, russa). Seus rostos, corpos ou pedaços deles dominam a tela, exibidos em closes, primeiríssimos planos e relegando natureza, arquitetura e o próprio enredo a planos secundários.

É o homem, o homem em movimento, o homem repousando que Berger obriga o espectador a olhar. Há um recorte de biotipos exibidos e a beleza retratada refuta a imagem do jovem herói propagada por Hollywood – músculos salientes e braços mais grossos que pescoços dão lugar a formas mais harmônicas de proporções clássicas.

Como se filmasse um vestiário masculino pelo buraco da fechadura, o diretor desvela esse refúgio unissexual sem erotizá-lo para além da imagem, despindo o filme de disfarces, subterfúgios ou penduricalhos que desviem o foco da função escópica enquanto produtora de prazer, uma vez que

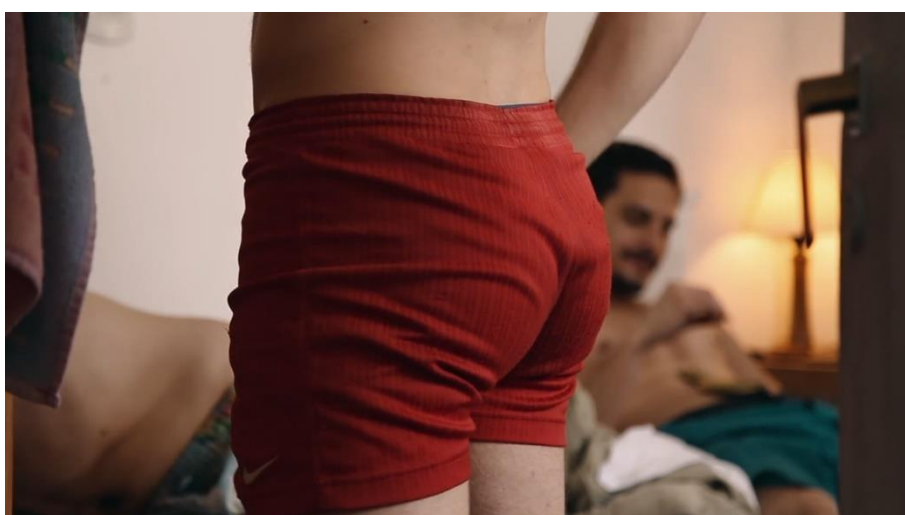
as condições de projeção e as convenções narrativas dão ao espectador a ilusão de um rápido espionar num mundo privado. Entre outras coisas, a posição dos espectadores no cinema é ostensivamente caracterizada pela repressão do seu exibicionismo e a projeção do ator, do desejo reprimido. (Mulvey, 1983, p. 441).

Foto 3 - Na piscina



Fonte: BERGER (2006)

Foto 4 - Derrière



Fonte: BERGER (2006)

Foto 5 - Sauna



Fonte: BERGER (2006)

Essa função é realçada pelo caráter quase naturalista do filme: ausência de trilha sonora (com exceção do emprego preciso em uma única cena), diálogos que parecem improvisados de tão naturais e banais, movimentos de câmera contidos e no chão (sem gruas, drones, planos aéreos) e um roteiro sem reviravoltas, surpresas ou *plot twists*.

Foto 6 - Lendo



Fonte: BERGER (2006)

Foto 7 - Fumando



Fonte: BERGER (2006)

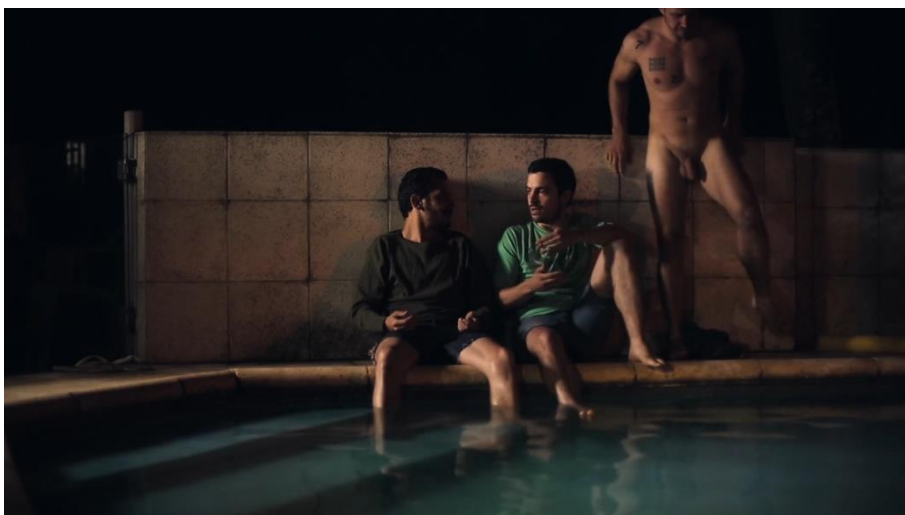
A naturalidade com que convivem corpos nus que se tocam, tomam banho juntos, nadam e fazem sauna não deságua em Sodoma e Gomorra, apontando, assim, para uma proposição utópica em que tais atividades e situações não se apresentam como ameaça à heterossexualidade destes sujeitos.

Foto 8 - Tomando banho



Fonte: BERGER (2006)

Foto 9 - Beira da água



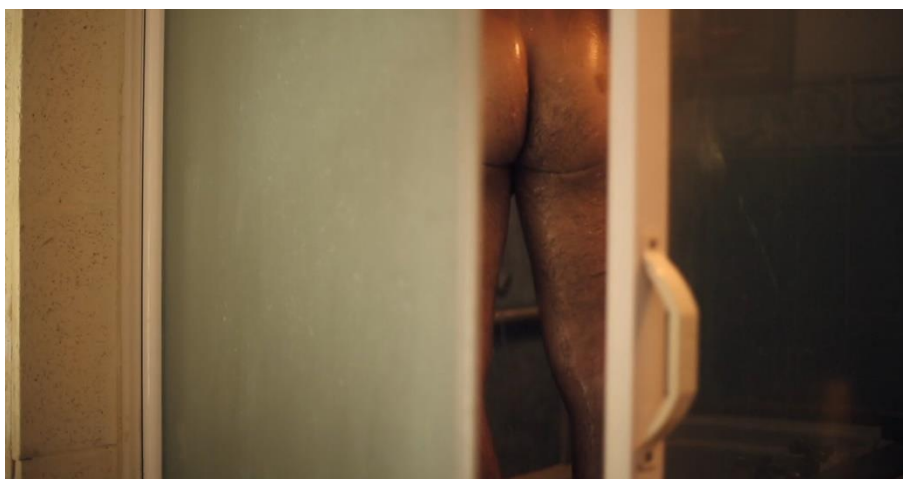
Fonte: BERGER (2006)

Foto 10 - Conversando



Fonte: BERGER (2006)

Foto 7 - De olho



Fonte: BERGER (2006)

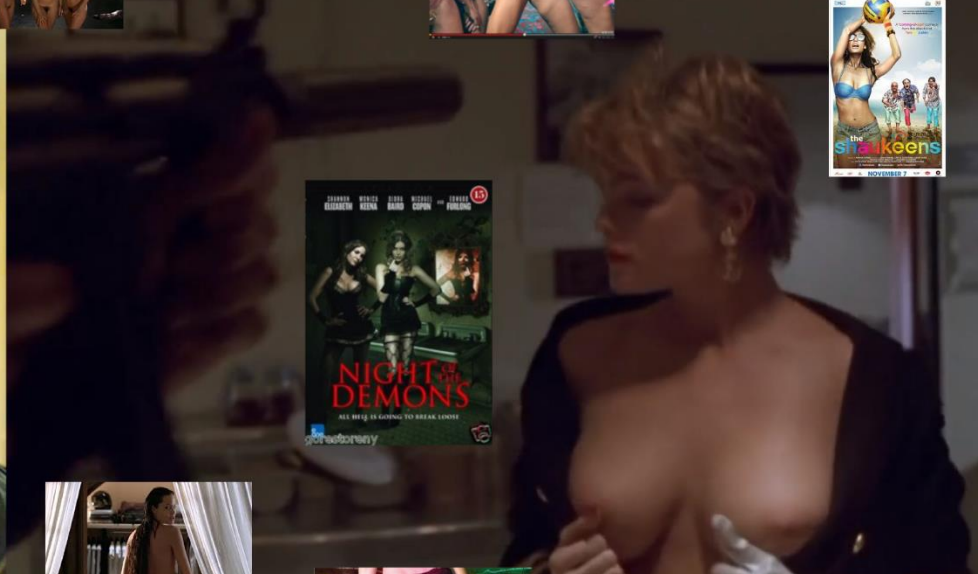
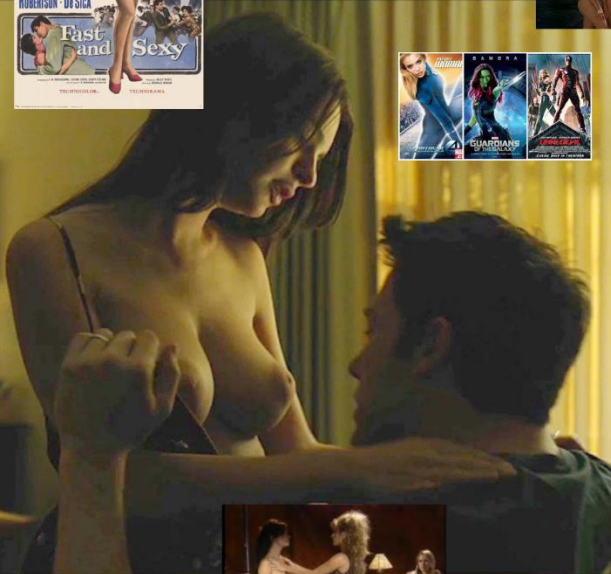
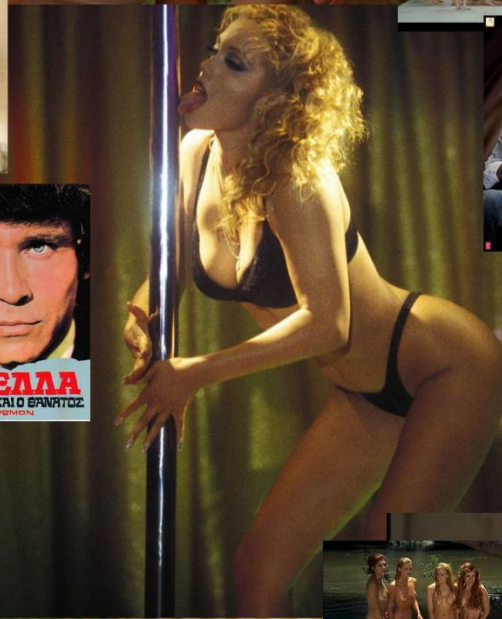
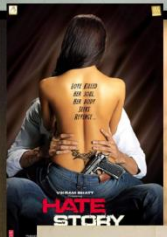
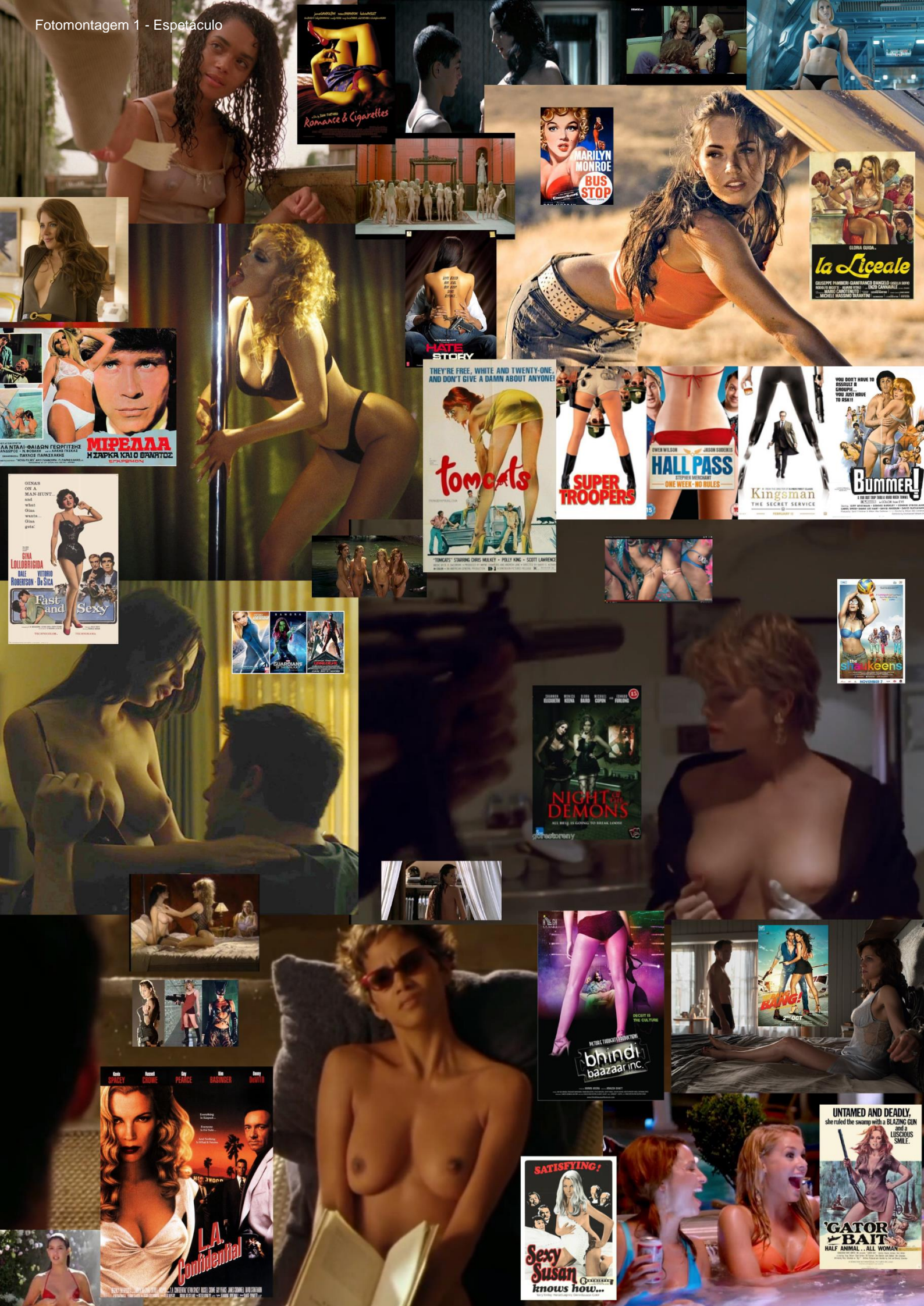
4.3 Subversões em série

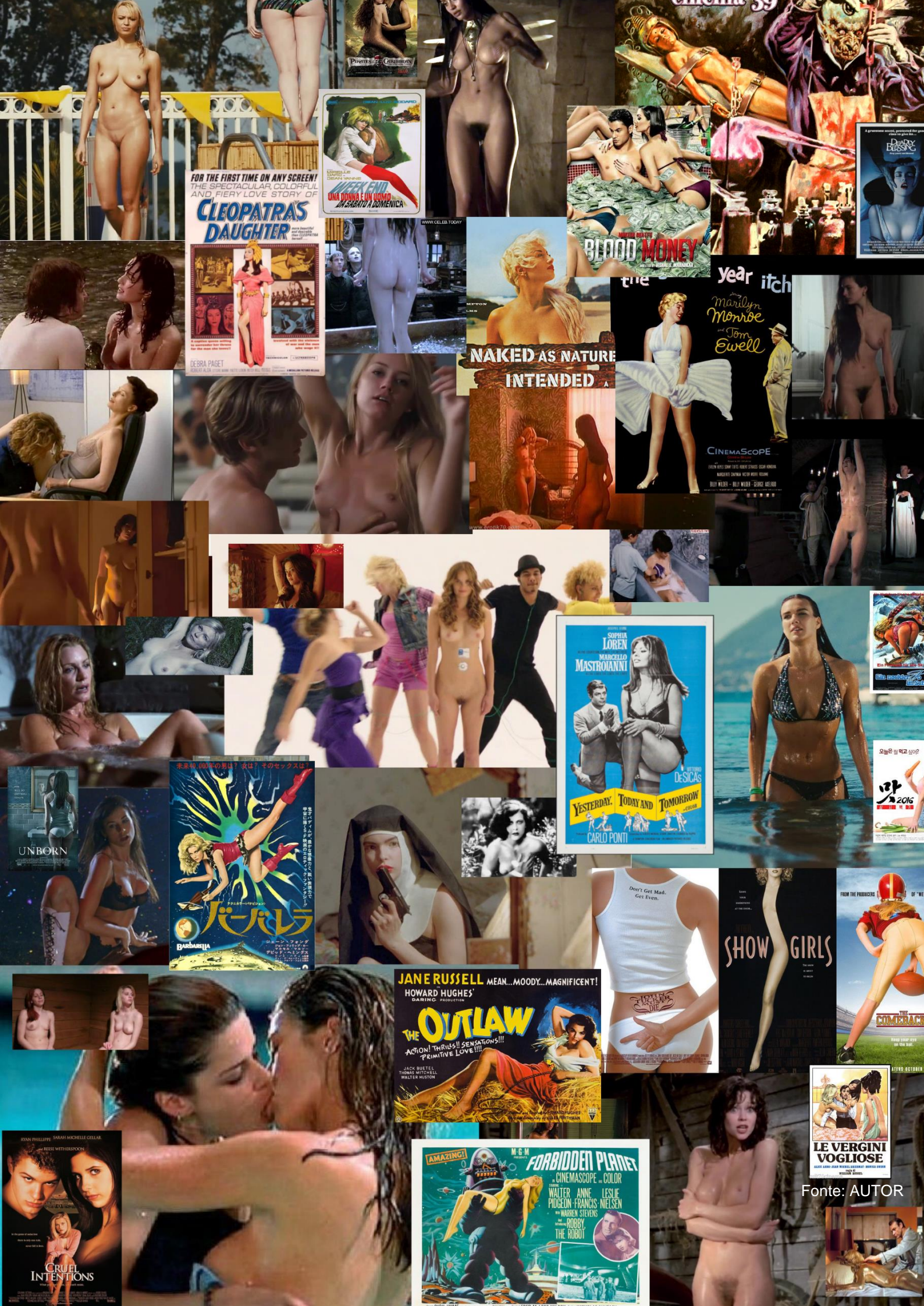
Tal proposição marca uma série de escolhas do diretor que operam em diferentes planos, subvertendo expectativas e padrões de gênero do cinema: o filme esboça traços sem nunca se enquadrar exclusivamente em um destes gêneros. Poderia ser um *buddy movie*, mas as relações de amizade dos personagens não se modificam durante o filme. Poderia ser um *gay movie* tradicional, mas o diretor se esquivava de trilhar a já batida *via crucis* de histórias de descoberta da sexualidade ou homofobia escancarada que sofrem de um didatismo primitivo. Ele flerta com um *soft porn*, mas o homoerotismo não se efetiva dentro do filme, mas sim fora dele.

Rompe a norma hegemônica no cinema do olhar masculino heterossexual, em que

o homem controla a fantasia do cinema e também surge como o representante do poder num sentido maior: como o dono do olhar do espectador, ele substitui esse olhar na tela a fim de neutralizar as tendências extradiegéticas representadas pela mulher enquanto espetáculo. (ibidem, p. 445)

Mulher enquanto espetáculo?





FOR THE FIRST TIME ON ANY SCREEN!
THE SPECTACULAR, COLORFUL
AND FIERY LOVE STORY OF
CLEOPATRA'S DAUGHTER

WWW.CELIB.TODAY
**UNA DONNA E UN UOMO
IL SAGGIO A DOMENICA**

BLOOD MONEY

**NAKED AS NATURE
INTENDED**

the **year itch**
with **Marilyn Monroe**
and **Tom Ewell**
CINEMA SCOPE
FROM THE GREAT 1955 BILLY WELDER FILM
Marilyn Monroe - Billy Wilder - Tom Ewell - George Meador

with **SOPHIA LOREN**
and **MARCELLO MASTROIANNI**
with **DeSICAs**
YESTERDAY, TODAY AND TOMORROW
by **CARLO PONTI**

東京朝 100年の男は? 女は? そのセックスは!
バーベラ
Barbarella

JANE RUSSELL MEAN...MOODY...MAGNIFICENT!
HOWARD HUGHES' DARING PRODUCTION
THE OUTLAW
ACTION! THRILLS!! SENSATIONS!!!
PRIMITIVE LOVE!!!!
Jack Buetel, Thomas Mitchell, Walter Huston

AMAZING!
M.G.M. **FORBIDDEN PLANET**
in CINEMA SCOPE...COLOR
with **WALTER Pidgeon**, **ANNE FRANCIS**, **LESLE Nielsen**
with **MARION STEVENS**, **ROBBY THE ROBOT**

FROM THE PRODUCERS OF "WE"
LE VERGINI VOGLIOSE
LUTE LANCIA CARO MARCELO MASTROIANNI
MILANO
ATERS OCTOBER

Fonte: AUTOR

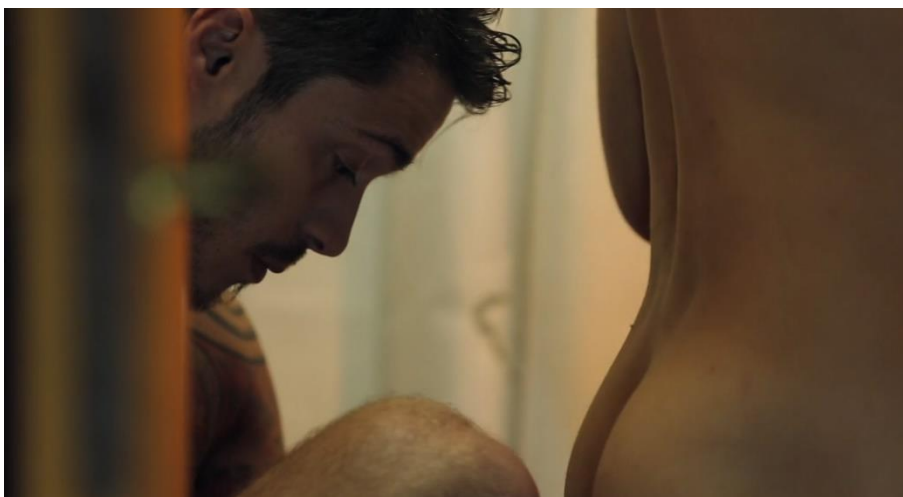
Berger a substitui pelo olhar masculino homossexual. A quebra da perspectiva padrão em si mesma já inquieta, mas é a inversão da posição do homem heterossexual de sujeito que olha a objeto que é olhado que escancara a diferença, porque segundo Mulvey (1986, p. 445) “a figura masculina não pode suportar o peso da objetificação sexual. O homem hesita em olhar para seu semelhante exibicionista”.

Foto 12 - Banana e laranja



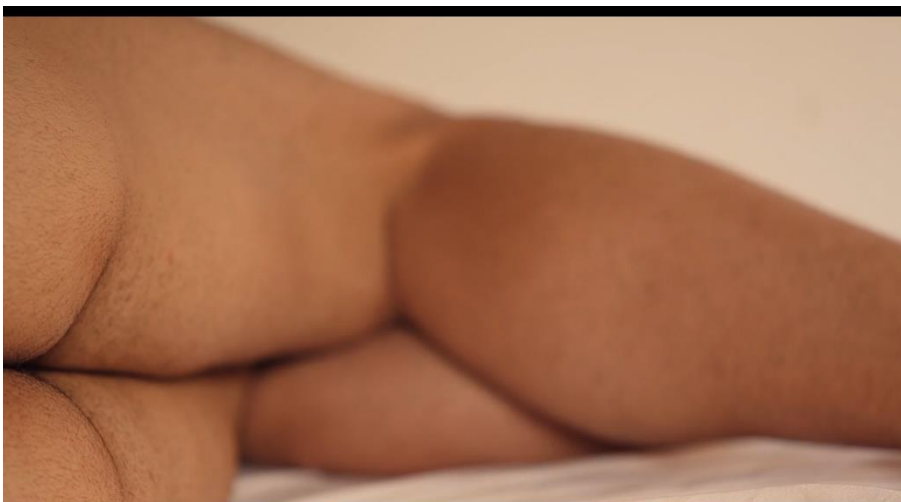
Fonte: BERGER (2006)

Foto 13- No banheiro



Fonte: BERGER (2006)

Foto 14 - Dormindo de lado



Fonte: BERGER (2006)

Foto 105 - De olho



Fonte: BERGER (2006)

Conseqüentemente, tal proposição guarda a potência de causar efeito de estranhamento no espectador, na medida em que ele pode significar tais cenas como sedutoras, homoeróticas.

Foto 116 - Descansando



Fonte: BERGER (2006)

Berger opera nova subversão ao costurar, ao longo de seu filme, cenas que maculam a familiaridade do cenário de vestiário ao arranjar e dispor os personagens em uma proximidade (os corpos se tocam, em algumas delas) que alcançam a estatura de tabu, por imaginariamente desembocar no sexual, seja na cena da sauna em que todos estão nus e seus corpos, grudados; no banho coletivo após o jogo de futebol; quando dormem uns em cima dos outros e em diversos outros momentos em que os corpos se tocam ou a proximidade da nudez não provoca nenhuma reação defensiva.

Foto 127 - No celular

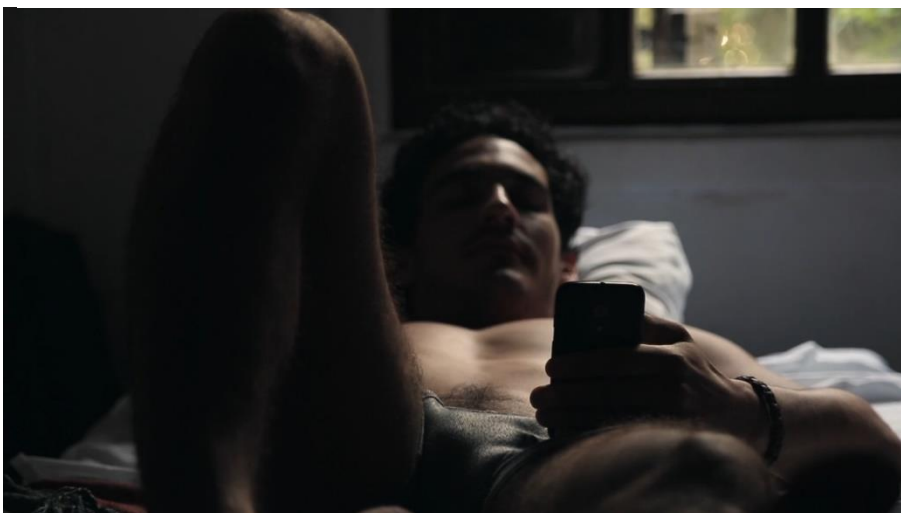


Foto 18 - Pelos na sauna



Fonte: BERGER (2006)

Foto 19 - Descansando juntos



Fonte: BERGER (2006)

Tal operação ganha seu caráter subversivo por refutar a equação imaginária de que corpos que se tocam produzem um efeito sexual. Pelo contrário, não há, no filme, indícios de que os amigos de Fernando (com exceção do Leo), sejam homossexuais: a nudez e a proximidade dos corpos não causa desconforto a eles, mas sim ao espectador, em mecanismo análogo ao do sonho, cuja lógica traduz o

funcionamento do inconsciente, embora não faça sentido para o sonhador - um amálgama do familiar e do estranho.

E o processo de construção de tais cenas (nudez e corpos próximos ou que se tocam), sem que a sedução (ou a fantasia dela) se concretize, tece a fina malha do *Unheimlich* do filme, em que fios estranhos se entrelaçam com fios familiares, tocando nas fantasias homossexuais inerentes a cada sujeito que persiste na proposta de assistir o filme.

Freud desenvolve o conceito de *Unheimlich* no artigo *O Estranho* (1919), apoiando-se

numa ambiguidade linguística que produz um curioso efeito: *heimlich*, que quer dizer familiar, também significa algo secreto e oculto, o que, paradoxalmente, torna essa palavra próxima de seu oposto, *unheimlich*. [...] A ligação hoje clássica entre o estranho e o recalque está no fato de que, como bem demonstrou Freud, nem tudo o que é assustador ou sinistro evoca o sentimento do estranho, mas apenas aquelas situações em que, justamente, há também subversão da lei do recalque, fazendo com que aquilo que deveria ter permanecido "secreto e oculto" venha à tona. (Martini, 2010, p. 373)

Esse estranhamento é confirmado em dois momentos do filme: por Germán ao celular, que relata ao interlocutor não saber o que está acontecendo (se Fer é ou não homossexual) e quando seu amigo leva maconha para o grupo – são observadores da cena, sonhadores do sonho, usados narrativamente como representantes do espectador por identificação, confirmando a quem assiste o filme que há algo de estranho na cena aparentemente familiar. No caso do espectador heterossexual, pode-se operar o retorno do recalcado – pulsões de cunho homossexual - uma vez que "o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar" (FREUD, 1919, p. 277).

E neste contexto improvável, desenrola-se uma tímida história de amor.

5. DESEJO SITIADO

Freud (1901, p. 594) postula o desejo como o impulso psíquico que objetiva restabelecer uma situação não mais passível de satisfação, experimentada no passado, a nostalgia de um objeto perdido e apontando para uma falta impossível de ser satisfeita, uma vez que ela é sempre substituída por outra.

Como faz notar Soler (2013, p. 1320 a respeito do desejo,

A mutilação sangrenta do sexo, que Freud chamou nada menos do que “castração”, respinga em todos os momentos da história do sujeito, desde a infância até a velhice. E mancha de púrpura seus encontros eróticos que são assim tingidos pela transitoriedade e pela insegurança de quem nada tem de certo. A única certeza é a amputação originária do outro, que faz da vida um caminhar trágico entre duas mortes: a mortificação promovida pela linguagem e a morte como fim da linha. Esse caminhar tem um nome: desejo.

A ideia prevalecente na cultura de que a homossexualidade não é, no mínimo, desejável, sendo compreendida por diferentes discursos como doença, desvio, degeneração, pecado, crime, imoralidade, antinatural resulta em sofrimento para muitos indivíduos no processo de consciência de suas orientações sexuais.

Segundo Roudinesco (2013, p. 107), “se o homem, no sentido freudiano, é marcado pela tragédia do desejo, o homossexual não é outro, senão um sujeito ainda mais trágico que o neurótico comum, pois sua escolha sexual o coloca como proscrito da sociedade burguesa”.

Em se tratando da homossexualidade masculina, tema do filme em análise, há algumas especificidades a serem consideradas.

Ser homem em algum momento da história se fundiu com a ideia de ser heterossexual, de forma que a ideia da homossexualidade se tornou o avesso da hombridade, inimigo a ser combatido constantemente para repetir a si mesmo e a todos, como um mantra: sou homem! “Se puede llegar a ser una mujer mejor o peor, pero no se deja de ser mujer, mientras que el hombre puede dejar de ser hombre bajo ciertas circunstancias – al menos em el imaginário social, o em su próprio sistema de representaciones.” (BLEICHMAR, 2006, p. 44). Daí decorre o recurso evidente das brincadeiras, xingamentos e piadas sobre a certeza da própria heterossexualidade e a certeza da homossexualidade do outro, como defesa a esse horror da aniquilação/castração.

Tão permeado está esse recurso na cultura, que o menino aprende que ser homossexual é uma das piores coisas que lhe pode acontecer (“prefiro que meu filho morra num acidente, pois ele já estará morto para mim”) antes de entender o que é ser homossexual e antes de saber se ele é homossexual. Essa ideia é corroborada por Ceccarelli (2013, P. 166), que relembra que

os homossexuais nascem numa sociedade cuja organização simbólica cedo lhes ensina que sua forma de viver a sexualidade é errada. Uma pessoa, durante o processo analítico, disse: ‘primeiro aprendi que ser homossexual era anormal. Depois, descobri que era homossexual. Ou seja, que era anormal. O que fazer?’

Ser homossexual torna-se uma ameaça: em muitas circunstâncias pode-se perder amigos, família, emprego, saúde e a própria vida. A hostilidade do ar que respira é tamanha que acaba por desenhar uma operação análoga ao sítio, estratégia militar utilizada até hoje em que o exército que cerca uma fortificação ou cidade inimiga, com o objetivo de exaurir os recursos do defensor, forçando assim a rendição ou de criar, no caso de fortalezas ou castelos, uma brecha em algum ponto da muralha para poder entrar com as tropas e abreviar a guerra.

Este sítio pode ser vivenciado de diferentes formas: da negação da própria sexualidade até a ruptura total com o cerco, mas há uma faixa deste espectro que parece comum: o sítio do desejo, que pressupõe a consciência do desejo homossexual, mas a escolha, pontual ou não, de não externá-lo, por alguma ameaça real ou introjetada.

Esse dispositivo é ilustrado no filme *Brokeback Mountain* (2005) em que dois caubóis se envolvem afetivamente, mas se separam porque um quer formar um casal e o outro insiste em viver clandestinamente o amor. O primeiro é assassinado após passar a morar com outro homem, enquanto o segundo leva uma pretensa vida heterossexual, mas sobrevive.

Ainda nos tempos de hoje, de relativa aceitação social da homossexualidade, não é difícil se deparar com falas como “não tenho nada contra gays, desde que não mexam comigo” ou “não sou preconceituoso, mas eles não precisam ficar se beijando na rua” ou ainda “não sou homofóbico, mas não precisa ser tão afetado e escandaloso”. Esse tipo de fala revela a aceitação do homossexual como uma ideia,

abstração, que pressupõe um distanciamento do contato com esta escolha objetal vivificada, ou seja, na forma de desejo.

Decorre desse sítio uma prática escópica comum entre homossexuais: um olhar o outro que demora mais do que a percepção de outro ser humano e menos do que um flerte. Tem nele algo do reconhecimento, pertencimento, mas não é só isso. É um reconhecimento do desejo sexual – eu desejo o mesmo que você. Ato discreto, passa ao largo da humanidade heterossexual, que provavelmente não sabe dessa flecha do olhar de desejo que fura o sítio.

O filme *Taekwondo* possibilita a compreensão do desejo sitiado em alguns aspectos. O mais evidente deles é que, para além de algumas piadas, a recordação do experiência homossexual entre Leo e Fer e os xingamentos carinhosos (*puto*, que equivale a viado em português), a homossexualidade hiberna enquanto o grupo todo está na casa.

Até Germán, homossexual assumido, esquiva-se ao ser indagado sobre relacionamentos, omitindo sua orientação sexual. Embora confesse seu interesse por Fer para um amigo, em nenhum momento do filme diz isso a Fernando, nem toma iniciativa de ficar com ele. É Fer, no final, quem o faz.

Curiosamente, esse desejo sitiado de ambos (uma vez que descobrimos ao final do filme que Fer também estava interessado nele) não opera somente quando

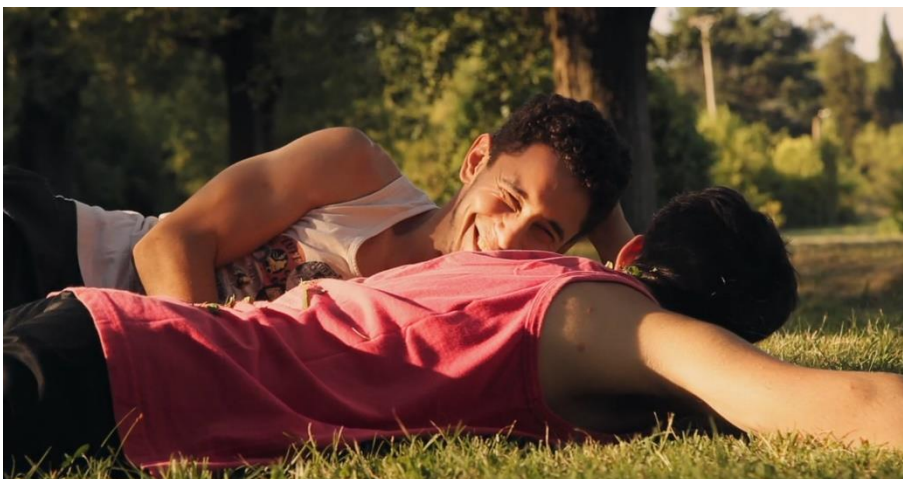
estão na presença dos outros amigos: a dupla aparece isolada em diversos momentos, seja passeando, tomando banho em uma banheira ou se escondendo juntos. Dormem juntos (sendo que Germán acorda no meio da noite e percebe que Fer está excitado). O flerte é evidente nestas situações, mas não passa disso.

Foto 20 - Lendo



Fonte: BERGER (2006)

Foto 21 - Rolando na grama



Fonte: BERGER (2006)

Foto 22 - Na banheira



Fonte: BERGER (2006)

Em dado momento, Diego, que é um dos amigos mais antigos de Fer, ao perceber que ele está olhando para Germán, parece hesitar antes de perguntar o que havia entre os dois. Fer ri, mas se esquivava de responder, ao que Diego fala que eles fazem uma linda dupla carateca. Fer ri mais um pouco, mas não fala nada. Mesmo em sua casa, com seus amigos, questionado de forma carinhosa e acolhedora por um de seus melhores amigos, Fer não consegue furar o sítio – o máximo que consegue é rir ambivalentemente. Somente quando seus amigos vão embora consegue vivenciar seu desejo.

Léo, por sua vez, nos é apresentado como o “antagonista” da história de amor. Não sabemos o quão ele sabe de seu próprio desejo, mas o ciúme que sente de

Germán é palpável, chegando a dizer a ele que Fer estava apaixonado por uma mulher e a tomar banho com Fer para provocar ciúmes em Germán.

O único elemento que não é diegético no filme ocorre bem perto do final, quando um piano soturno se faz soar e a câmera mostra diversas partes da casa vazia, como que vasculhando e nos certificando que não há mais ninguém. Esse momento marca, semioticamente, o fim do sítio. Quando a música acaba, Fer pede um beijo a Germán, que o concede e o filme acaba.

A cena final apresenta um contraponto interessante. Enquanto o desejo heterossexual é falado e mostrado durante todo o filme, o desejo homossexual só se liberta no final, à contraluz, um “continente negro” recortado e contido pelas luzes e cores do mundo normativo à volta.

Foto 133 - Até que enfim!



Fonte: BERGER (2016)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-me óbvio considerar que não há formulação teórica que escape a seu contexto histórico e cultural. Este trabalho buscou reunir produções e vozes que demonstram um viés que sempre relegou o sujeito homossexual às franjas da cultura, que para nela se destacar precisou se disfarçar ou enfrentá-la tal um perverso de Lacan. E nesse sentido, a psicanálise, em diversos momentos, desviou-se (e ainda desvia) dos princípios desenvolvidos por Freud, numa simplificação danosa em busca do homossexual (e de sua cura).

À parte da militância política por direitos equivalentes, que foge ao propósito epistemológico da psicanálise, considero prudente que os psicanalistas professem alguma humildade ao não compreender partes do elefante como o elefante inteiro. Se Freud tornou alguns casos paradigmáticos, tal feito só comprova sua genialidade e importância.

Não há aqui a ilusão de um consenso. A obra psicanalítica é extensa, por vezes hermética, possibilitando múltiplos recortes, associações e leituras. Mas a armadilha de se imbuir de um valor cultural tão enraizado atravessa a todos e, no final das contas, trata-se de sujeitos que sofrem com isso, por isso.

Como Cruxên (2012, p. 75) bem coloca, “a reivindicação gay pelo casamento parece acenar para um pedido do sujeito de reconhecimento de seu desejo. Implica para uma saída da clandestinidade e do uso pleno da palavra.”

E o que seria do ser humano se não houvesse a arte para torcer, esticar, provocar, dizer e mostrar? Menos, certamente. Menor...muito pouco. A obra de Marco Berger, carregada de nuances, ganha importância por desafiar rótulos e saídas fáceis, por subverter convenções e provocar, na tela e fora dela, questionamentos que fogem aos clichês do dito cinema gay, evitando o didatismo preguiçoso que é corrente nesse subgênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, M. **Taekwondo**. Argentina. Video. 2016.
- BERGLER, E. **Homosexuality**: disease or way of life. New York: Hill & Wang, 1956.
- CECCARELLI, P. R. Mal-estar na identificação. *In: Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*, São Paulo, ano X, 93, 37-46, jan. 1997.
- _____. **A invenção da homossexualidade**. Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.
- _____. **Homossexualidade**: verdades e mitos. Belo Horizonte, 2010.
- _____. Por trás da cura. *In Jornal do Brasil online*, 19/06/2013.
Disponível em: <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2013/05/17/por-tras-da-cura/>. Acesso em: 30/07/18.
- CRUXÊN, O. Lacan e a homossexualidade masculina. *In: Revista de Psicologia. Fortaleza*, vol 3, nro 2, 2012.
- DRESCHER, J. A história da homossexualidade e a psicanálise organizada. *In: QUINET, A. & JORGE, M. A. C. (orgs.). As homossexualidades na psicanálise - na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma Editores. 47–58. 2013.
- DUNKER, C. I. L; RODRIGUES, A. L. **Cinema e psicanálise** vol. 1. A criação do desejo. São Paulo: nVersos, 2015.
- FREIRE COSTA, J. **A inocência e o vício**: estudos sobre homoerotismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- _____. **A face e o verso**: estudos sobre homossexualismo II. São Paulo: Escuta, 1995.
- FREUD, S. (1900). **A Interpretação de Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). *In: FREUD, S. Obras completas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2016.
- _____. (1908). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. *In: FREUD, S. Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.vol. XII.
- _____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. *In: FREUD, S. Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, vol. XIV.

_____. (1919). **História de uma neurose infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-270.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1920. vol. XVIII.

_____. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. *In*: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVIII.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XXI.

GREEN, J. "A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina". *In*. GREEN, James; MALUF, Sônia (orgs.). **Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas**. IFCH/AEL, v.10, n. 18/19. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2003.

JONES, E. **Vida e obra de Freud**. Rio de Janeiro – Zahar. 1979.

JORGE, M.A.C. (2011) Cem anos da teoria a sexualidade. *In*. Braunstein, N; Fuks, B. B. (Orgs) **100 anos de novidade: a moral sexual cultural e o nervosismo moderno, de Sigmund Freud (1908-2008)**. Rio de Janeiro: Contracapa

KINNEY, R. L. (2015). Homosexuality and scientific evidence: On suspect anecdotes, antiquated data, and broad generalizations. **The Linacre Quarterly**, 82(4), 364–390. Disponível em: <http://doi.org/10.1179/2050854915Y.0000000002>. Acesso em 28/07/18

LEE, A, dir. **Brokeback Mountain**. Paramount. Vídeo. 2005

QUINET, A. & JORGE, M. A. C. (orgs.). **As homossexualidades na psicanálise** - na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma Editores. 2013.

MARQUES, L. Sexualidade e ética psicanalítica. *In*: QUINET, A. & JORGE, M. A. C. (orgs.). **As homossexualidades na psicanálise** - na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma Editores. 59-64. 2013.

MAYA, A. O que os analistas pensam sobre a homossexualidade? **Psyche** (São Paulo), São Paulo, v. 11, n. 21, p. 85-104, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30/07/18.

MCDUGALL, J. **Teoria sexual e psicanálise**. *In*: CECCARELLI, P. R. (org.). Diferenças sexuais. São Paulo: Escuta. 11-26. 1999.

MENEZES, A. B.; CARVALHO NETO, M. B. de. **Reflexões sobre a interinfluência entre ciência e política: o caso da homossexualidade**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 621-634, set. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29/07/18.

METAPEDIA. **Homossexualidade**. Disponível em:
<https://pt.metapedia.org/wiki/Homossexualidade>. Acesso em 28/07/18

MOREIRA, R. **Temporada de Caça**, vídeo, 28'36", 1988.

MULVEY, L. Prazer Visual e cinema narrativo. *In*: XAVIER, Ismail. (Org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983, p. 437-454.

PINHEIRO, D. Autoritarismo e homofobia: a repressão aos homossexuais nos regimes ditatoriais cubano e brasileiro (1960-1980). **Cad. Pagu**, Campinas , n. 52, e185213, 2018 .

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000100503&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 29/07/18.

PAPO DE CINEMA, **Taekwondo :: Entrevista exclusiva com Marco Berger**. Vídeo, 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nliRSCyTB9I>. Acesso em 30/07/18

REDTUBE. **Redtube & Brazil**. 05/02/16.

Disponível em <https://www.pornhub.com/insights/redtube-brazil>. Acesso em 27/07/18

REUTERS. **Saiba mais-Veja algumas das declarações mais polêmicas de Bolsonaro**.

Disponível em: <https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKCN1I130R-OBRDN>. Acesso em 28/07/18

RIBEIRO, L. Ciência homossexualismo e endocrinologia. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 13, n. 3, p. 498-511, 2010.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29/07/18

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. A psicanálise à prova da homossexualidade. *In*: QUINET, A. & JORGE, M. A. C. (orgs.). **As homossexualidades na psicanálise** - na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma Editores. 107-118. 2013.

SOLER, C. A maldição sobre o sexo. *In*: QUINET, A. & JORGE, M. A. C. (orgs.). **As homossexualidades na psicanálise** - na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma Editores. 119-130. 2013.

TRANSRESPECT.ORG. International Day Against Homophobia, Transphobia & Biphobia (IDAHOT) **Press Release Already 100 reported murders of trans people in 2016**

Disponível em <https://transrespect.org/en/idahot-2016-tmm-update/>. Acesso em 27/07/18.

VIEIRA, L. L. F. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 9, n. 2, p. 487-525, jun. 2009 .
Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29/07/18.